

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHAREL

HELEN ZÁBEL

**ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: UMA REFLEXÃO SOBRE O SUJEITO PÓS-
MODERNO E SUA RELAÇÃO COM A ARTE**

CRICIÚMA

2014

HELEN ZÁBEL

**ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: UMA REFLEXÃO SOBRE O SUJEITO PÓS-
MODERNO E SUA RELAÇÃO COM A ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de graduação no curso de Artes Visuais Bacharel da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátiuscia Angélica Micaela de Oliveira

CRICIÚMA

2014

HELEN ZÁBEL

**ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: UMA REFLEXÃO SOBRE O SUJEITO PÓS-
MODERNO E SUA RELAÇÃO COM A ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de graduação no Curso de Artes Visuais bacharel da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de pesquisa em Performance.

Criciúma, 26 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira- Especialista em História da Arte
Afucap - Orientadora

Prof. Maurício Bitencurt - Especialista em Arte Contemporânea - UNESC

Prof^a. Roberta Hammel Tassinari - Mestre em Artes visuais - UDESC

Dedico este trabalho ao ato de amar, como diz Aldous Huxley, o amor é a melhor política. Pois o amor é um potencial de energia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda energia e força maior que rege o universo por me dar coragem para acreditar e tecer um futuro melhor. E também à Unesc a oportunidade de bolsa. À minha orientadora, que me deu suporte para acreditar na conclusão deste trabalho. A Roberta Tassinari, que é uma artista que admiro que sempre foi gentil e que me ajudou com materiais para esta pesquisa. E, por último, agradeço a Vanessa Ferrari, que está sempre ao meu lado, ajudando-me em todos os momentos.

“O corpo é o lugar onde as coisas acontecem.”

Marina Abramovic

RESUMO

Este trabalho expõe uma reflexão sobre a identidade do sujeito em diálogo com a arte, observando a identidade desse sujeito dentro da obra da artista Marina Abramovic. Para isso, estuda-se o sujeito desde a época do Iluminismo até o sujeito pós-moderno. Marina Abramovic é uma artista que lida com as fronteiras do corpo e da mente por meio da arte performática. Com uma expressão intensa da natureza do corpo e das sensações da alma, contrai sentimentos intensos do sujeito, como a dor e o vazio existencial, fazendo uma conexão que busca esse mundo interior, dando-lhe forma e o colocando para fora por meio da arte, que faz com que ele se solidifique. Da pesquisa aqui desenvolvida, surgiu a inspiração para criar a obra de arte "De frente com o sujeito".

Palavras-chave: Identidade. Arte. Performance. Contemporâneo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O olhar do artista.....	21
Figura 2 - Abramovic e o observador em sua obra “A artista está presente”.....	23
Figura 3 - Abramovic e o observador em sua obra “A artista está presente”.....	24
Figura 4 - Abramovic e o observador em sua obra “A artista está presente”.....	25
Figura 5 - Abramovic no espaço do Moma realizando sua performance.....	26
Figura 6 - O olhar de Marina Abramovic na performance “A artista esta presente”...27	
Figura 7 - Eu-corpo.....	28
Figura 8 - Eu sujeito pós-moderno.....	29
Figura 9 - Identidade em evidência.....	30
Figura 10 - Investigação da identidade.....	31
Figura 11 - Ampliando o olhar.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mapa conceitual do sujeito do Iluminismo	14
Tabela 2 - Mapa conceitual do sujeito sociológico.....	15
Tabela 3 - Mapa conceitual do sujeito pós-moderno.....	18

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11 a 12
2.IDENTIDADES	133
2.1. SUJEITO DO ILUMINISMO.....	133 a 14
2.2. SUJEITO SOCIOLÓGICO.....	144 a 15
2.3. SUJEITO PÓS-MODERNO.....	155 a 18
3.CORPO COMO EXPRESSÃO NA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO.....	19 a 20
3.1.O CORPO E A PERFORMANCE DA ARTISTA MARINA ABRAMOVIC.....	21 a 27
4. DE FRENTE COM O SUJEITO.....	28 a 32
5.METODOLOGIA	33
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende refletir sobre questões de identidade do sujeito pós-moderno dentro da obra da artista visual Marina Abramovic. Um sujeito que possui um passado histórico, artístico e filosófico, em seguimento com o contexto que o insere nas artes. Esta pesquisa se iniciou por meio de meu interesse pessoal pelo corpo na arte. Depois de algumas disciplinas que abordavam esse tema, senti uma necessidade de me aprofundar no assunto, pois o corpo sempre foi objeto de pesquisa de minhas produções artísticas. Por meio de minhas leituras, cheguei à questão da identidade do sujeito, em um diálogo com a obra de Marina Abramovic, cujos trabalhos trazem faces desse sujeito.

O objetivo deste trabalho é traçar uma investigação em torno do sujeito pós-moderno, interligando-o com a obra da artista Abramovic, e, a partir disso, apontar algumas transgressões e reflexões, tais como: como podemos entender o sujeito pós-moderno fruidor da arte? Como entender as diferentes identidades num contexto histórico? Qual é o papel do corpo na identificação do sujeito? Como identificar o sujeito pós-moderno inserido na obra de Abramovic?

No primeiro capítulo, faço uma breve síntese sobre as identidades do sujeito, começando pelo sujeito do Iluminismo e passando pelo sociológico até chegar ao sujeito pós-moderno, que é alvo principal de pesquisa a ser explorado neste trabalho.

No segundo capítulo, apresento o corpo como expressão na identidade do sujeito pós-moderno. Uma breve introdução sobre o corpo inserido na sociedade, as diferentes transformações que ele sofre, as interferências que o meio causa, como o sujeito lida com o espaço no qual vive e como ele consegue repassar para esse espaço um pouco da sua identidade, com o intuito de se ligar ao local.

Dando continuidade, em seguida, investigo o corpo e a performance de Marina Abramovic. Inicio o texto com um diálogo com o pensamento do filósofo Frances Georges Didi-Huberman (2005), que nos traz uma reflexão sobre o ato de ver e ser visto, a ideia de aproximação e distanciamento, que nos liga ao âmago do objeto. Capítulo apresenta a ideia do ato de olhar, numa perspectiva que fala que também somos capturados pelo objeto que observamos.

É nessa visão poética que estruturei meu texto do terceiro capítulo, relacionando o pensamento de Didi-Huberman (2005), em uma análise da obra “A artista está presente”, de Marina Abramovic. Nessa produção, considero o sujeito pós-moderno e sua identificação por meio do olhar do outro e da própria artista.

Por fim, no último capítulo, veremos uma produção artística de minha autoria, a qual foi se delineando e tomando forma por meio deste Trabalho de Conclusão de Curso. A produção traz uma performance com proposta de me revelar diante do olhar de um outro sujeito, fazendo uma conexão entre nossas identidades, tendo em vista essa fragmentação do sujeito pós-moderno.

2. IDENTIDADES

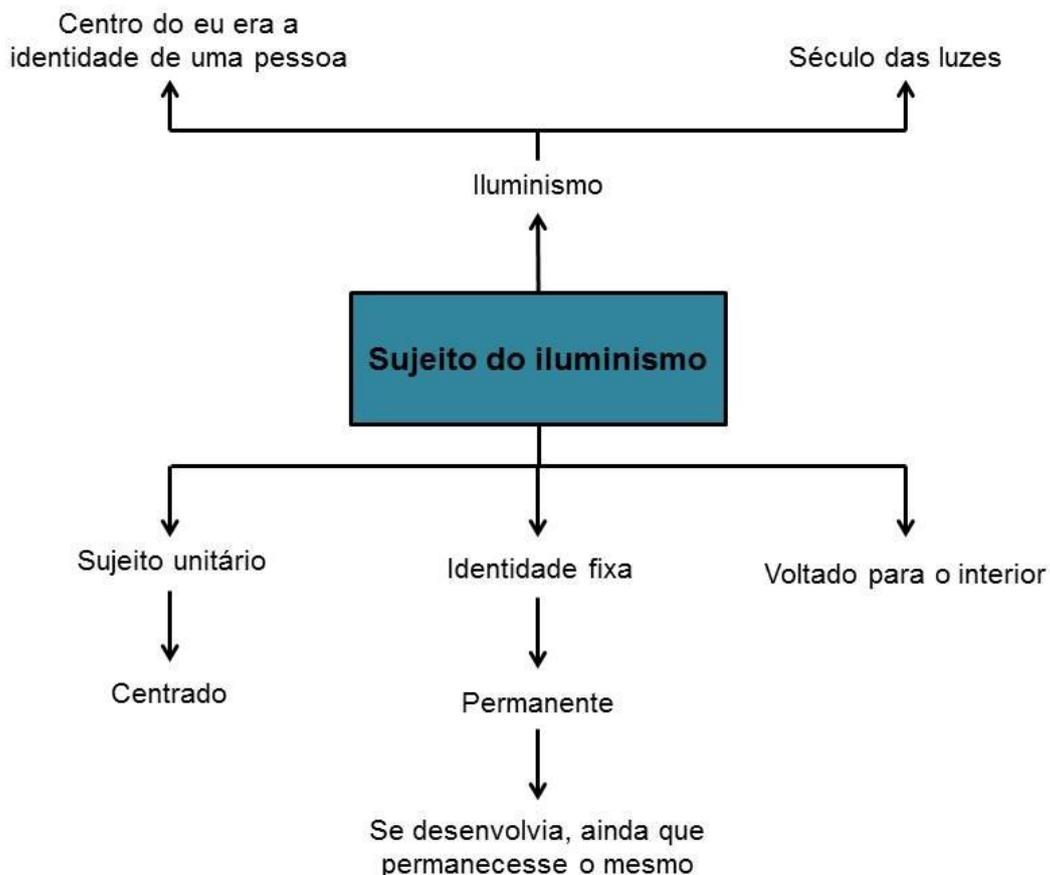
A questão da identidade é algo que está sempre, de alguma forma, sendo discutido na teoria cultural. Tem-se observado os velhos conceitos, que, por tanto tempo, consolidaram o mundo social e que hoje, estão em declínio, abrindo espaço para as novas identidades, trazendo novos fragmentos ao indivíduo moderno, que, até então, era visto como um sujeito unificado e que agora passa a conter novos adjetivos. Todo sujeito presume ter uma identidade fixa e é por meio dessa identidade que podemos observar que o sujeito/grupo tem de único que o distingue de outros sujeitos/grupos. E também o que o grupo tem de comum com outros grupos, que os une numa identidade cultural. A identidade do eu é um conjunto de minhas características pessoais, contendo uma interferência do meio onde vivo que me liga à minha identidade cultural. Hoje em dia, não necessariamente, o sujeito vive em um local e aspira a cultura à sua volta, assim, ele pode conter fragmentos de muitas outras culturas, pois a sociedade contemporânea transcendeu muitos pensamentos e conceitos, produzindo uma liberdade de expressão identitária maior a esse sujeito.

2.1. SUJEITO DO ILUMINISMO

O Iluminismo foi um movimento cultural que priorizava a consciência voltada para a autonomia da razão humana, de sujeito unitário, ou seja, uma identidade moralmente autônoma. Representou um período do qual se saiu de uma época clássica, o Renascimento, na qual predominavam pensamentos místicos e religiosos, para uma sociedade com indivíduos com pensamentos construídos com base no racionalismo, com muita influência da filosofia da época. Nessa formação de novas estruturas culturais, os fenômenos do mundo físico não são mais explicados pelo misticismo religioso, mas sim pela razão, acarretando uma revolução cultural e estabelecendo novos conceitos e valores para a sociedade.

Stuart Hall (2001) afirma que: “O centro do eu era a identidade de uma pessoa” (p. 11). Podemos observar aqui um sujeito dotado de razão com uma identidade fixa, voltado ao interno, e que se consistia permanente. Hall (2001) acrescenta que o sujeito é “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das

capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo” (p. 10 a 11). Portanto, percebe-se então o sujeito do Iluminismo como portador de um único núcleo interior que surge no nascimento e é utilizado ao longo de toda a sua evolução, de forma contínua e similar.

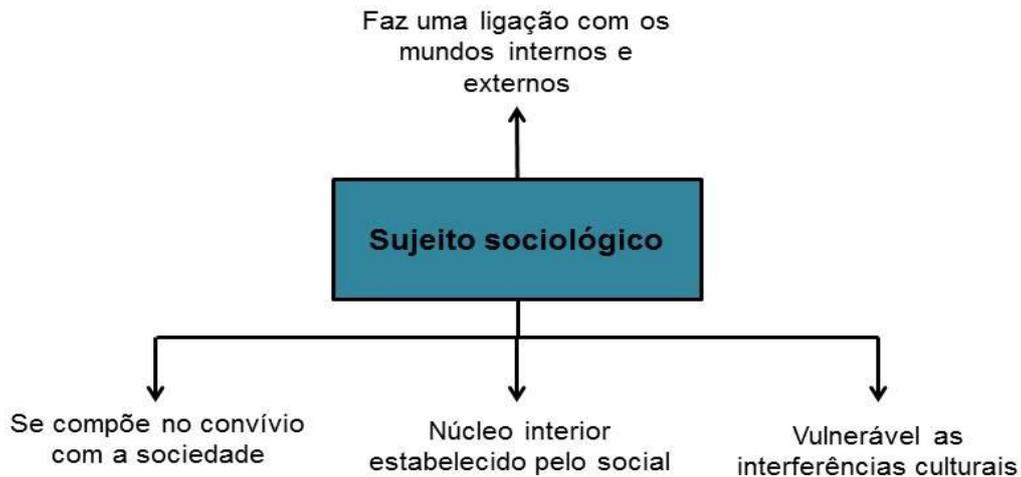


2.2. SUJEITO SOCIOLÓGICO

“A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava”. (HALL, 2001, p. 11).

Nessa afirmação, constatamos um sujeito diferente do anteriormente apresentado, o sujeito que se compõe no convívio com a sociedade, que faz uma

espécie de ligação com os mundos interno e externo, e que, mesmo assim, conserva o núcleo interior. No entanto, por este ser estabelecido pelo meio social, o sujeito se torna mais vulnerável às interferências culturais, com que estabelece uma espécie de conexão, tornando-se então sujeito com consciência cultural.



2.3. SUJEITO PÓS-MODERNO

Quando se fala sobre sujeito pós-moderno Hall contextualiza, como o sujeito se apresenta a sociedade de uma forma variável em relação a sua identidade, ressignificando conforme o ambiente físico que se apresenta, exemplo: trabalho, eventos sociais, familiares e entre outros.

Como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Stuart Hall 2001, p. 12 a 13).

Prontamente, o sujeito pós-moderno se destaca e se distingue dos demais pela ausência de uma identidade única, não obtendo um núcleo preciso como base

de identidade fixa, utilizando uma pluralidade, ou seja, é influenciado pelo multiculturalismo que encontramos na nossa sociedade atual.

A sociedade contemporânea traz questões como liberdade e igualdade, onde acontece uma abertura para a fragmentação do sujeito pós-moderno. A globalização e o capitalismo também transmitem uma nova significação na vida do sujeito, as identidades modernas estão sendo deslocadas, dando a impressão de estarem sempre em transições. Hoje vivemos em uma sociedade que nos proporciona infinitas opções, existe uma gama de informações sendo descarregado sobre nossas cabeças o tempo todo, temos acesso fácil a tudo, o que proporcionou precedente a outras culturas, as quais, com um único “click¹”, se tornam acessíveis a nós, trazendo novas possibilidades, novos costumes.

O sujeito pós-moderno agora não depende apenas de sua nacionalidade para obter sua identidade cultural, ele sofre uma interferência das demais culturas difundidas pelo mundo; são culturas criadas dentro de culturas e, cada vez mais, uma intervém na outra.

Um fato interessante é que encontramos também em um mesmo local a identidade nacional e a identidade étnica, ambas diferentes e que também fragmentam esse sujeito. Desde criança, o indivíduo aprende, com auxílio dos pais ou na escola, sobre sua cidade e seu país, então ele adere a seus costumes e valores, tornando-os parte de si, de sua identidade. Quando cresce, as possibilidades se abrem e ele acaba obtendo acesso a mais culturas, podendo então fazer a escolha de condescendê-las para sua identidade, independentemente de onde ele resida.

Há uma modalidade de experiência vital – experiência do espaço e tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – o que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo atual. Denominarei esse corpo de experiência de “modernidade”. Ser moderno e encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformações de si e do mundo e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernas cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desumanidade; ela nos arroja num redemoinho de perpetua desintegração e renovação, de luta e contradição de ambigüidade e angustia. (HARVEY, 1998, p.21).

¹ Ato de apertar no botão. Acessando informações de multimídias.

A sociedade moderna está em constante evolução, a informação e a tecnologia são fatores que nos conectam 24 horas por dia aos acontecimentos do mundo inteiro. Surgiu atualmente uma sociedade chamada de “sociedade da interligação humana”, uma grande aldeia global, em que as diferentes culturas se interligaram.

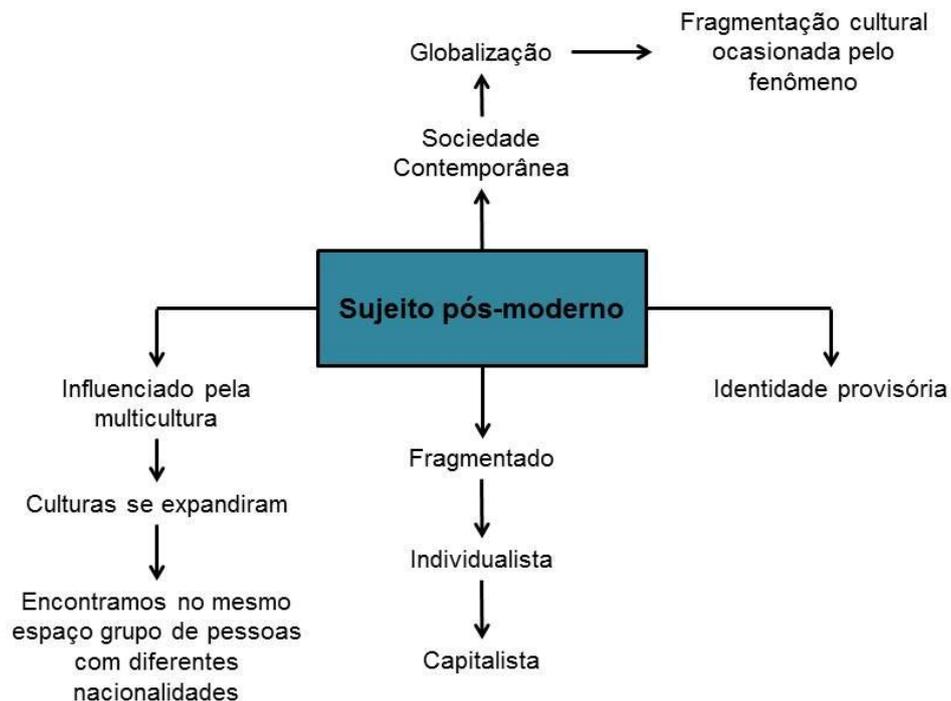
O sujeito moderno também traz questões como o individualismo, que surgiu com a sociedade moderna do capitalismo e que traz consequências e transformações para as sociedades atuais. Segundo Hall (2006), “a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro do qual se ergue uma nova concepção de sujeito individual e sua identidade” (p.24).

Percebe-se então que esse sujeito moderno é dotado de sua liberdade, no entanto, essa liberdade tem um preço, pois é necessário dinheiro para usufruir dos benefícios que a sociedade capitalista proporciona. O capitalismo, por sua vez, sempre apresenta novas necessidades para esse sujeito, que se liga a esses bens materiais, relacionando-os ao símbolo de felicidade. A obtenção de dinheiro é utilizada como centro de motivação para a satisfação do sujeito. Para obter “liberdade” e ter autonomia, o sujeito deve possuir um valor em dinheiro para poder pagar por seus desejos e necessidades pessoais. “Como tudo o mais, as identidades humanas – suas auto-imagens – se dividiram em coleções de instantâneos, cada uma tendo que evocar, carregar e expressar seu próprio significado”. (BAUMAN, 2008, p.115).

O conhecimento é uma propriedade também indispensável na sociedade moderna; é por meio dele que se adquirem bens materiais. Todo esse fluxo de ligação ao consumo e os preceitos capitalistas tornam esse sujeito, muitas vezes individualista, ocupado demais com seus afazeres e ganhos.

Sendo assim, podemos perceber, até aqui, que a identidade do sujeito adquire formas diversas, por meio do tempo e do espaço. As diversidades e variedades culturais de comportamentos influenciaram e influenciam as identidades do sujeito moderno. Na contemporaneidade, o sujeito, ao formar sua identidade, é influenciado por outras culturas, não há mais uma única identidade, ou seja, criou-se uma identidade híbrida.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p.13)



3. CORPO COMO EXPRESSÃO NA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO

O comportamento humano vem se transformando gradualmente em decorrência das mudanças que ocorrem à sua volta, o crescimento das cidades, as descobertas científicas, as tecnologias que são divulgadas no mercado todos os dias, que acaba substituindo as que eram utilizadas anteriormente. Esses são acontecimentos que vão interferindo nas ações desse sujeito, que, a cada dia, parece ter uma necessidade distinta. Há sempre uma mudança de linguagem e uma transformação na origem dos estímulos que impulsionam as ações do sujeito pós-moderno.

A globalização é um aspecto do assunto da identidade; relaciona-se ao caráter da modificação do sujeito pós-moderno. A sociedade contemporânea é fundada em transformações constantes e isso a distingue da sociedade tradicional.

O sujeito, desde o início de sua história, sempre teve uma necessidade de integrar o espaço por meio de significações, utilizava seu corpo para exteriorizar seus sentimentos, sua crença, sua cultura. Hoje podemos observar algumas rupturas desse corpo, que, a cada dia, parece conter novos significados, novas fragmentações.

Há pouco mais de cinquenta anos, tribos africanas distendiam, desde a infância, os lábios das mulheres, alongavam os pescoços ou furavam, como na Amazônia, o lábio inferior no qual ainda se colocam pedaços de osso ou madeira. Tais práticas visavam a aproximar o homem do animal e de outras formas de vida, integrando-o à natureza. (VILLAÇA e GÓES, 1998, pag. 27).

O sujeito está sempre modificando o espaço em que vive, pois parece sempre conter uma necessidade de colocar um pouco da sua identidade no local onde reside, talvez seja uma forma de buscar a si nesse espaço.

A apropriação, como processo de identificação, é, em certo sentido, um agente transformador, pois ao apropriar-se do espaço o sujeito deixa sua marca ao transformá-lo, iniciando, assim, um processo de reapropriação constante, que vai desde a casa aos objetos em seu interior. (Gonçalves, 2007,p. 29).

Portanto, podemos perceber que o sujeito tem essa característica de exteriorizar sua identidade nos meios no quais se inclui.

Com o passar do tempo, cada vez mais surge novos recursos, que os sujeitos vão aderindo, modificando seu corpo e conseqüentemente sua identidade. No entanto, na modernidade, muitas vezes isso parece mais uma busca de identidade própria do que uma afirmação dela. Villaça e Góes (1998) afirmam que: “Pensar o corpo hoje é pensar suas performances, seus limites, numa visão que o contemple como um dos elementos construtivos do amplo universo semiótico, no qual se produzem as subjetividades” (p. 29).

Também nos afirma que:

O corpo, que à época das narrativas legitimadoras ocupava o pólo negativo da dicotomia classificatória, agora se liberta e se inventa em discussões, em produções que reconfiguram os estatutos de real e irreal, privado e público, natureza e cultura. A discussão leva a pensar os limites do corpo e suas possibilidades de significar (VILLAÇA e GÓES, 1998, p. 28).

Aconteceu uma transformação identitária, o sujeito está flexível nas formas que se apresenta à sociedade, suas performances são de papéis cênicos transitórios; ora é o profissional sistemático ora é o artista irreverente, depois o progenitor. As formas de conferir sentido às experiências vividas se alteram conforme o momento e as transformações corporais.

Vivemos um tempo pós-humanista se considerarmos que o humano era sinônimo, para a filosofia humanista, de um representante abstrato universal, lugar da voz e da visão fundadoras. O humano era, sobretudo, o possuidor de um sentido de ser como sujeito de suas próprias experiências: o humano do humanismo era em última instância a razão e a consciência. Nesse contexto, o corpo não oferecia grande interesse enquanto substância orgânica, aparência, desejo ou paixão. Pelo contrário, era algo que, pertencendo à natureza, à exterioridade, sofria, assim, duplo e paradoxal distanciamento: ou era a natureza utópica intocável, ou a natureza incontrolável caótica e catastrófica. Essa questão do dado natural e do adquirido está no cerne dos desejos e das representações corporais da atualidade. (VILLAÇA e GÓES, 1998, p. 31).

3.1. O CORPO E A PERFORMANCE DA ARTISTA MARINA ABRAMOVIC

Na arte, podemos observar várias formas diferentes de representação de uma única coisa. Ela nos proporciona esses parâmetros diferentes de um mesmo objeto e talvez por isso não se delimite a uma definição específica. Quando observamos uma obra de arte, esse ato de olhar nos desperta uma reflexão sobre o que é visto, e esse objeto, ao mesmo tempo, estabelece uma conexão com o que o olha. Didi-Huberman (2005) nos traz uma visão de “aura” para compreender a obra de arte e sua ligação com a visualidade. Para o autor, ao contemplarmos uma obra de arte, nosso ato de observar se liga a um sistema de aproximar e afastar, como se tivesse algo que nos observa naquilo que observamos. Como se o objeto visto pudesse também nos capturar, havendo então uma espécie de troca nesse ato de ver e ser visto, construindo uma aproximação e distanciamento, ligando-nos ao âmago (invisível) da obra de arte. “O poder do olhar atribuído ao próprio olhado pelo olhante: ‘isto me olha” (DIDI-HUBERMAN, 2005, p.148).

Figura 1 – O olhar do artista



Fonte: <http://metamero.blogspot.com.br/>

Marina Abramovic é uma artista performática que investiga e explora os limites do corpo e sua identidade pós-moderna. Em muitas de suas performances, a artista foi estilhaçada e seu corpo foi machucado por ela mesma. Abramovic congelou seu corpo em blocos de gelo, tomando medicamentos para controlar seus músculos, e até mesmo quase morreu de asfixia em uma de suas performances. No entanto, as experiências corporais de Abramovic tem alguma relação com o Sensacionalismo; suas performances são uma série de experiências que visam identificar e definir os limites sobre seu corpo e, assim, criticar uma sociedade de consumo. Seus audaciosos projetos parecem ter como objetivo descobrir um método, por meio da arte, que torne as pessoas mais livres das amarras identitárias de uma sociedade pós-moderna consumidora e capitalista.

Através da performance, eu encontrei a possibilidade de estabelecer um diálogo com o público através de uma troca de energia, o que tende a transformar a energia em si. Eu não poderia produzir um único trabalho sem a presença do público, porque o público me deu a energia para conseguir, através de uma ação específica, assimilá-lo e devolvê-lo, para criar um verdadeiro campo de energia (ABRAMOVIC, 2012).

Há uma ruptura no olhar, uma nova forma de ver o objeto artístico, principalmente de senti-lo em sua totalidade; se torna, então, autônomo e infinito. Quando observamos uma obra de arte, ela pode ter infinito sentidos, e formas muito expressivas. Cada qual pode obter interpretação diferentes de uma mesma forma.

Eu comecei a perceber que eu poderia usar qualquer material que eu quero, fogo, água e o corpo. O momento em que eu comecei a usar o corpo foi uma enorme satisfação de tal forma que eu tinha e que eu possa comunicar com o público que eu nunca poderia fazer mais nada. Eu nunca poderia voltar para o isolamento do estúdio e ser protegida pelo espaço lá. A única forma de expressão é executar (ABRAMOVIC, 2012).

Quando uma produção artística trás o corpo como a própria arte, isso acaba gerando algumas vezes estranhamento do publico, quando o sujeito fica frente ao outro, onde por meio de reflexão busca entender o significado, no segundo momento acaba de alguma forma interagindo com a obra, fazendo parte de sua significação.

A descoberta de si, a que se refere Giddens (1991, pag. 124), é um projeto diretamente envolvido com reflexibilidade; portanto, é por meio do outro com o qual reflito que me descubro sujeito singular, único. A construção do “eu” como um projeto reflexivo, na modernidade, constitui-se um desafio na medida em que o sujeito encontra sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos. Esses sistemas são constituídos pelas instituições que se antepõem frente ao sujeito (GIDDENS, 1991 *apud* GONÇALVES, 2007, p.137).

Figura 2 - Abramovic olhando o observador em sua obra “A artista está presente”



Fonte: http://www.filmforum.org/movies/more/marina_abramovic

Didi-Huberman (2005) nos traz o pensamento do objeto da visão como algo que está além do visto e que vê além do que enxergamos. Como se a razão tentasse se edificar acima da escuridão aberta pela sensação, trazendo um sentido complementar e estável ao objeto observado. A obra de arte se revela então dinamizando, com o objeto olhado e o olhante, numa extensão que se une à potência de inquietação provocada pelo objeto. Didi-Huberman (2005) aponta uma relação que é exatamente o que analiso na obra de Abramovic: a questão do sentimento de se esvaziar de si mesmo para ocasionar o ato de ver o outro sujeito. Na foto abaixo, é estabelecida uma relação entre o sujeito Marina e o “objeto” que observa, que, nesta performance, é também um outro sujeito.

À medida que se altera o paradigma que orientou a racionalidade moderna, quando o corpo humano era considerado uma exterioridade a ser controlada, ele assume, lado a lado com mais variadas instâncias pessoais, interpessoais ou coletivas, seu papel na produção da subjetividade. Um paradigma estético parece desenhar-se, no qual singulares devires e configurações inesperadas são produzidas e no qual o corpo surge como carne e imagem, matéria e espírito simultaneamente (VILLAÇA e GÓES, 1998, p. 29).

Figura 3 – Abramovic e o observador em sua obra “A artista está presente”.



Fonte: <http://bitmag.com.br/cultura/cara-a-cara-com-marina-abramovic.html>

Marina Abramovic é uma artista que lida com as fronteiras do corpo e da mente por meio da arte corporal, e, com uma expressão intensa da natureza do corpo e das sensações da alma, contrai sentimentos intensos do sujeito, como a dor e o vazio existencial, fazendo uma conexão que busca esse mundo interior, dando forma a ele e o colocando para fora por meio da arte, que faz com que ele se solidifique. Abramovic traz sempre em seus trabalhos questões sociais que resgata para seu público, capturando sua essência, sentindo-as em seu corpo e proporcionando uma experiência única. Na obra aqui analisada, o sujeito, que é figurado por ela mesma, coloca-o cara a cara com o mesmo, trazendo uma reflexão sobre quem é esse sujeito.

É por meio de outro sujeito que reflito sobre minha identidade, que me descubro sujeito singular, único. A construção do “eu” como um projeto reflexivo, na modernidade, constitui-se um desafio na medida em que o sujeito encontra sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos. Esses sistemas são constituídos pelas instituições que se antepõem frente ao sujeito (GONÇALVES, 2007, p.137).

Figura 4 – Abramovic e o observador em sua obra “A artista está presente”.



Fonte: <http://www.elseptimoarte.net/peliculas/marina-abramovic:-the-artist-is-present-6527.html>

Na sua última performance no MOMA (2010), em uma ampla galeria, o espectador se deparava com um espaço com uma mesa entre duas cadeiras (uma diante da outra), uma delas tomada por Marina Abramovic e a outra desocupada. A artista então fazia um convite aos visitantes para que se sentassem diante dela. Abramovic ali se tornava a própria obra de arte, juntamente com as pessoas que se sentavam à frente dela. Abramovic lida com a construção subjetiva na experiência, as possibilidades do devir, de ser o outro sujeito e de ser quem ela mesma é. Buscando a liberdade nessa atividade que é ser sujeito, transformando a si mesma, ganha, em suas obras, novas dimensões.

Ao se debruçar sobre as experiências de ser o outro, ou de enxergar e se deixar ser vista por esse sujeito, de alguma forma, os murros são derrubados.

A arte, independente do tipo de linguagem que utilize, possui um vocabulário que permite evocar e trazer à tona, mesmo que de forma não muito clara, imagens e sensações mantidas no inconsciente. Através desse processo, ela busca resgatar a tradução primeira de cada indivíduo e de todos eles (PIRES, 2005, p.60).

Figura 5 – Abramovic no espaço do Moma realizando sua performance



Fonte: <http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2013/07/04/marina-abramovic---a-artista-presente-2013.htm>

O interessante foi o resultado dessa performance, em que cada pessoa que se sentava diante de Abramovic tinha um tipo de reação, como as sensações que o sujeito estava sentindo falavam por suas expressões e principalmente pelo seu olhar. Alguns sorriam, outros choravam, outros a encaravam interrogativos, tentavam persuadi-la, chamar sua atenção, mas todos, de alguma forma, se sentiam vulneráveis diante da artista em meio a tantas pessoas de idades, estilos e crenças diferentes, o que parecia prevalecer era o sujeito diante de outro sujeito. Sujeito que conseguia se ver puramente no olhar, sem precisar de uma única palavra, ali Marina Abramovic faz não só era não só a artista presente, mas o sujeito presente.

Servindo-me da idéia principal de Marina Abramovic, o olhar nos olhos do outro, excitou-me a pesquisar nas teorias algo que remetesse à proposta da artista. Apresento, então, a argumentação do teórico Erasmo de Rotterdam (2002, p.6) propondo uma analogia ao olhar: “[...] bastará olhar-me de frente para logo me conhecer a fundo, sem que eu me sirva das palavras que são a imagem sincera do pensamento. Não existe em mim simulação alguma, mostrando-me eu por fora o que sou no coração”.

Figura 6 – O olhar de Marina Abramovic na performance “A artista está presente”



Fonte: <http://cinema.uol.com.br/album/2013/07/04/marina-abramovic---a-artista-presente-2013.htm#fotoNaV>

4. DE FRENTE COM SUJEITO

A pesquisa a partir do sujeito detalhado por Stuart Hall (2001) me fez refletir sobre o sujeito pós-moderno, todo o processo por que ele passou de identidade ao longo do tempo, todas as suas características, principalmente sua identidade inserida nas artes, e a representação desse sujeito fruidor de arte pela artista Marina Abramovic.

Dando seguimento à proposta desta pesquisa, que abrange a apresentação de um trabalho artístico, coloco-me como campo de estudo, por meio do meu corpo, como fonte de reflexão sobre o sujeito pós-moderno. “Pensar o corpo hoje é pensar suas performances, seus limites, numa visão que o contemple como um dos elementos construtivos do amplo universo semiótico, no qual se produzem as subjetividades”. (VILLAÇA e GÓES, 1998, p. 29).

Figura 7 – Eu-corpo



Fonte:Acervo pessoal

No primeiro momento deste estudo, procuro analisar meu próprio corpo relacionando-o com minha identidade: Como é esse meu corpo biológico ligado à minha identidade cultural, até que ponto esse corpo sofre as interferências da cultura à minha volta, como a relação com os outros sujeitos com os quais convivo acaba, de alguma forma, fragmentando meu eu.

Portanto, esse primeiro momento foi de parar para refletir sobre minha própria identidade, contornar uma investigação em torno do meu sujeito pós-moderno, colocando em prática todos os estudos feitos a cerca do sujeito de Stuart Hall (2001) e todo o olhar e a sensibilidade do sujeito inseridos por Abramovic na obra aqui analisada.

O fato de pertencermos e de sermos o centro de uma cultura em que a ideia e a necessidade da transitoriedade são dominantes faz com que sintamos a necessidade de nos apropriarmos fisicamente dessa inconstância, e de igualarmos, no que diz respeito à capacidade de se modificar, o invólucro ao invólucro artificial (PIRES, 2001, p. 93).

Figura 8 – Eu sujeito pós-moderno



Fonte:Acervo pessoal

O sujeito pós-moderno é muito influenciado pelo meio onde vive. Em uma análise sobre minha identidade, consegui averiguar muitos traços disso, do quanto temos a necessidade de estar sempre buscando coisas para reafirmar nossa identidade, percebi também que ela parece viver em uma linha tênue de transformações constantes, que sempre se modificam conforme a necessidade do meio onde vivemos ou conforme nossas vontades, que, ao longo do percurso da vida, vão tomando caminhos distintos. Característica que observo ser do sujeito pós-moderno.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento e descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade para o indivíduo”. (HALL, 2006, p.09).

Figura 9 – Identidade em evidência



Fonte:Acervo pessoal

Suscitando uma reflexão entre o encontro do sujeito, um desprovido de todas as identidades que poderia vestir, eu, artista, trago apenas o olhar como fonte principal da minha identidade, a qual acredito ser minha identidade em múltiplas possibilidades como sujeito pós-moderno.

Analiso minha identidade buscando, assim, características individualmente minhas; minha identidade cultural, o que ela agrega ao meu corpo, e então me privo de todas essas características visuais e me esvazio de significados internamente, propondo interagir com o outro, ver e ser vista.

Cada um se reconhece a cada instante a si mesmo, em uníssono com o outro, seu vizinho, seu semelhante: como se, num mundo onde nada que vale em matéria de gosto ou de opinião tem o direito de durar, fosse preciso para permanecer socialmente em seu lugar mudar, por assim dizer, de pele a cada primavera (LANDOWSKI, 2002, p.93).

Figura 10 – Investigação da identidade



Fonte: Acervo pessoal

Será realizada uma performance que irá instigar o espectador a participar de uma proposição, de atuar como co-autor e a dar significação à performance, que se relaciona de forma poética com a identidade do sujeito pós-moderno. Neste espaço, a obra será construída de modo aberto, com múltiplas possibilidades de interação. O espectador então é convocado a interagir com a obra. Essa abertura da performance ao espectador/participador não será somente uma ação física, mas de significação, meu corpo deixará de aparecer como uma representação, se tornando a própria obra de arte.

“[...] o espectador age, mas o tempo de sua ação não flui, não transcende a obra, não se perde além dela: incorpora-se a ela, e dura. [...] sem ele [o espectador], a obra existe apenas em potência, à espera do gesto humano que a atualize.” (GULLAR, 2007, p. 100).

Figura 11 – Ampliando o olhar



Fonte: Acervo pessoal

5. METODOLOGIA

O trabalho de conclusão de curso aqui apresentado, intitulado “Entre o visível e o invisível: uma reflexão sobre o sujeito pós-moderno e sua relação com a arte”, do curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Unesc, traz argumentos históricos, os processos de criação e as reflexões no campo das artes visuais. “Os temas podem surgir da observação do cotidiano, da vida profissional, do contato e relacionamento com especialistas, do feedback de pesquisas realizadas ou de estudo de literatura especializada”. (SANTAELLA, 2001 p. 158)

Com base no tema escolhido, elaborei um problema: Como podemos observar o sujeito pós-moderno fruitor da arte? Como entender as diferentes identidades num contexto histórico? Qual é o papel do corpo na identificação do sujeito? Como identificar o sujeito pós-moderno inserido na performance da artista Marina Abramovic?

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007, pp. 21- 22).

Com o intuito de desenvolver melhor meu trabalho busco a forma de representação do corpo na arte contemporânea, e saliento o sujeito na pós-modernidade. O objetivo geral é compreender as transformações que ocorreram no sujeito, na sua formação identitária, desde o iluminismo chegando ao sujeito pós-moderno, observando as obras de Marina Abramovic. Este trabalho está inserido em uma pesquisa qualitativa, tendo como foco o corpo na arte contemporânea.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do tempo, o sujeito passou por um processo de ressignificação de suas identidades, chegando, hoje, ao sujeito pós-moderno, no qual essa identidade não permanece fixa, questão que se torna objeto de pesquisa e questionamento no meio cultural. A construção desse sujeito é baseada nos caracteres de tempo-espaço nos quais esse sujeito se contextualiza.

A performance deve estar no espaço e no tempo quando está sendo apresentada. Desloca-se e move-se constantemente; nada está em inércia onde a performance está sendo realizada. É direta ao consumidor da arte, o público, a performance trabalha a energia com o público. Tudo está acontecendo entre o artista e o público. Performance é trabalho absorvente; a concentração total do artista, que deve estar seguro do que tem a expressar, deve ir além dos limites do seu corpo, além dos limites de suas identidades.

A artista Marina Abramovic apresenta, em sua obra, um sujeito que busca sua essência sem se preocupar com uma identidade, promove, em sua obra de arte, olhar o outro sem nenhum tipo de preconceito, apenas um sujeito enxergando o outro, despindo o olhar de palavras para dar espaço ao sentir.

Nessa pesquisa, na qual houve uma inspiração para minha obra, propus às pessoas perceberem o meu eu e o seu eu a partir do olhar. O sujeito fica frente a outro, proporcionando esse encontro e levantando a reflexão, propondo também, de forma poética, a questão da identidade do outro inserida na sua própria identidade.

A partir de todo meu trabalho de pesquisa do curso de artes visuais bacharelado, modifiquei meu próprio olhar em relação ao outro, fazendo-me compreender as especificidades de cada sujeito, aceitando as diferenças e compreendendo a identidade do sujeito como um reflexo dos processos sociais.

REFERÊNCIAS

- BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero**. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora Universidade, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- GONÇALVES, Terezinha Maria. **Cidade e Poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. 1.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- GULLAR, Ferreira. **Teoria do Não-Objeto**. 1959. In: *Experiência neoconcreta: momento limite da arte*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. 1.ed. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2005.
- ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura**. Atena Editora, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado** – São Paulo: Hacker Editoras, 2001.
- VILLAÇA, Nizia; GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. 1.ed. Ed. Rocco, 1998.

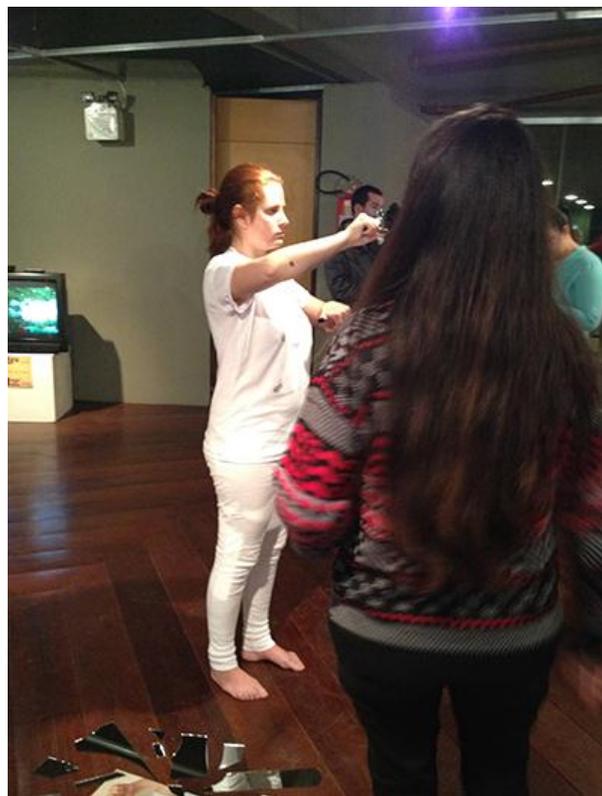
REFERENCIAL ELETRÔNICO (ON-LINE)

GERSHMAN, Rachel. **Marina Abramovic.** 2012. Disponível em:
<<http://www.theartstory.org/artist-abramovic-marina.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

ANEXOS



De frente com o sujeito – Figura 1



De frente com o sujeito – Figura 2



De frente com o sujeito – Figura 3



De frente com o sujeito – Figura 4